



Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

S486d Serpa, Leandro, 1983-  
2007 palavras no tempo / Leandro Serpa ; colab. Catiaho  
Alcantara. - 1.ed. - Vila Velha, ES : Arttheatrum, 2014.  
78 p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-65322-12-6

1. Poesia brasileira - Santa Catarina. 2. Prosa brasileira -  
Santa Catarina. I. Alcantara, Catia Helena de Oliveira, 1962-. II.  
Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

---

Revisão: William W. Brenuvida  
Fotografia: José Carlos Rocha  
Produção: Casa do Escritor de Tijucas SC



Leandro Serpa

2007 Palavras no Tempo

1ª Edição

Vila Velha – ES

Arttheatrum Produções Artísticas Ltda

2014



Leandro Serpa

2007 Palavras no Tempo

1ª Edição

Tijucas – SC

Casa do Escritor – Tijucas - SC

Arttheatrum Produções Artísticas Ltda

2014



2007 Palavras no Tempo.





2007

Palavras no Tempo

Leandro Serpa



## APRESENTAÇÃO

Somos responsáveis por tudo quanto possibilitamos chegar às mãos do leitor. Inserir o leitor em uma história, ao contexto de cenários imagináveis, diálogos e acontecimentos no decorrer da narrativa literária. Não é diferente na poesia. A poesia nos leva, cessantemente, a refletir sobre as leituras da alma, interagindo com todos os sentidos do corpo físico – eis a mágica.

“**2007 Palavras ao tempo**” é a primeira obra de **Leandro Serpa**, escritor, formado em Artes Plásticas pela UDESC e membro da Oficial Academia Tijuquense de Letras. Ele apresenta um livro de poemas. São emoções levadas do desencanto. Ele, Leandro, não nos mostra frases a custas de verdades construídas, edificadas. O escritor presenteia o leitor com a manifestação da Estética, simbolicamente visceral – nos signos comuns nas danças das palavras. A cada página, um convite ao poema: frases, aflições e êxtases. Mas, repara bem! Não há o compromisso com a reciprocidade nos sentimentos dos voos soltos. Há liberdade na interpretação.

Como deixar de relacionar seu trabalho “*Jesus Sobreviveu*” com as palavras que todos nós temos aprisionadas na garanta? Como ignorar em “*Desejo*”, sensações ainda não decifradas. De tal forma, é impossível estar indiferente à brisa castigada pelos primeiros raios de sol em “*(...)Penso logo faço, desfaço. Torno eterno um instante qualquer*”.

Carece nosso círculo literário, de poetas desprovidos de moralidades singulares. Faz-se necessário que brotem mais e mais poetas compromissados com uma única verdade: as verdades de sentimentos.

Parabéns ao escritor Leandro Serpa. E que venham os versos, os desabafos e as sutilezas dos poemas. Obrigado contemplar, a todos, com esse paralelo de emoções.

Tonni Lima

Dramaturgo e Escritor

Presidente da Oficial Academia Tijuquense de Letras



Dedico esta obra a flor dos meus sonhos.  
Que em amor nosso amor em todas as cores minhas palavras ela  
transformou.  
Com amor, Leandro Serpa com "S".



Tenho nojo desse mundo maldito.

Que lapida estátuas,

Constrói arranha céus

E não sabe amar.





## O Poeta Analfabeto

Numa localidade distante do alvoroço da cidade cresceu um jovem que possuía um poder especial. Aprendeu a andar com os lobos. Andava só e descalço pela mata e as serpentes o reverenciavam. Seus pés tocavam a terra nua, a relva molhada, a textura das pedras...

Foi educado pelo vento que mostrou todos os caminhos do sonho. O sol o aquecia e o iluminava. À noite o aproximava da lua e das estrelas. A chuva o enriquecia com a sinfonia que provocava seus pingos batendo nas folhas das árvores.

A água gelada que brotava das pedras supria a necessidade de líquidos e purificava a pele. À noite o fogo o protegia dos animais bravios, de manhã os pássaros cantavam e o despertava. Ele temia o raio e o trovão e se escondia. Adorava as montanhas, subindo ao ponto mais alto para olhar o vale. Marcava, riscando em pedras a sua presença-passagem.

As pessoas duvidavam da sua existência e poucos o conheciam, porém, estes poucos o adoravam. Tinha ele grandes amigos e pessoas da região. Da cidade e de vários lugares, estes amigos vinham ouvir suas palavras.

Falava das rosas, do cheiro que possuíam e do sabor das frutas. Dizia, também, dos peixes que saboreava. De sinceridade externada ele abria a alma e tudo contava. Contava o que sentia quando a chuva o tocava e o sol o aquecia. E todos se emocionavam. Descrevia seu temor pelo raio e o trovão e todos se assustavam.

Levava as pessoas ao cume da montanha e as deixava em silêncio contemplando o vale, permitindo que os pássaros as despertassem. Algumas pessoas tentaram escrever o que ele falava. Mas as palavras, todas elas, seriam poucas para representar e codificar o que ele dizia.

Não sabia escrever e as pessoas que souberam da sua alegria de viver tomaram conhecimento ouvindo sua voz.

O tempo o venceu e a voz dele se calou. Morreu sorrindo e olhando para o céu. Todas as vezes que as pessoas se sentem sós e desamparadas sobem até a montanha do homem feliz e contemplam em silêncio o vale do sonho.

## Declaração Indigesta

Sou um poeta sem vergonha.

Desavergonhado.

Escrevo no passado.

No pretérito imperfeito.

Antes do sêmen derramado.

No lugar.

Onde a fêmea.

Frenética, lasciva.

Se contorce, geme.

Sobre o lençol imaculado.

Sou, sou eu antes do triunfo.

Sou, sou mesmo.

Folha ao vento.



## Sol do Leste

Duas horas da manhã e o silêncio sufocava a antiga cidade. Os habitantes se refugiavam no antro das casas, prevendo alguma catástrofe.

De repente a luz brilhou no deserto. Não era o Deus cristão, nem mesmo Alá, o Deus muçulmano, tampouco a estrela de Belém. Era o bombardeio americano sobre Bagdá, capital do Iraque.

A noite escura tornava imperceptível o sofrimento daqueles cidadãos, porém quando as primeiras rajadas do sol escaldante iluminaram a terra mostraram as entranhas de um povo distante em meio aos escombros.

Um homem de meia idade, de joelhos, perante a divina luz, desesperado, abraçava o cadáver de seu filho, pedindo uma explicação aos céus por aquele genocídio. Por toda parte o sangue dos inocentes civis brotava como erupção.

Ao fundo á sombra de uma parede estilhaçada uma criança coberta de sangue e poeira chorava a ausência dos pais. Adultos na esperança de salvar alguma alma, de má sorte, reviravam alucinadamente aqueles montes de pedras.

Aquele povo de cultura pré-histórica que sofria com a ditadura dos “Hussein” teve o direito à vida ceifada por um inimigo distante.



## Descrição

Não sei o que faço.

Nunca sei.

As palavras, as cores.

Aparecem diante de mim.

Não organizo.

Não uso a razão.

Não entro em estações

Planejadas

Em orações subordinadas.

Sou obscuro, incoerente.

Contraditório.

Penso logo faço.

Desfaço.

Torno eterno

Um instante qualquer.

Mesmo sendo primogênito,

Filho bastardo,

De uma mente confusa.

Carrego

Um fio de esperança

Não sou “Profeta do Apocalipse”.

Mas digo:

- Pode acabar!

Sou realista.

Acredito em que vejo e sinto.

Nunca no que

Falam-me.

Porém ouço a tudo.

Procuro entre pedras

E migalhas

A essência da

Verdade.

O que sou?

Não faço ideia.

Homem!

Louco, talvez.

Normal, nunca.



## O Contador de Histórias

Numa região afastada da cidade havia um senhor que se notabilizara contando histórias para as crianças.

Há duas gerações ele se dedicava, exclusivamente, às crianças. Dizia que queria ensinar as crianças a imaginar e sonhar:

- Quem imagina cria, quem sonha é livre. Eram as palavras dele.

Entre as crianças havia uma garotinha que nascera cega. Não conseguia captar um istmo sequer de luz e vivia no escuro total. Certa vez, emocionada com uma história contada por aquele senhor, ela perguntou:

- Qual é a cor do céu?
- A cor que você deseja que ele tenha. – respondeu o senhor contador.
- Eu não percebo as cores. – Disse a menina.
- A cor do céu varia conforme a iluminação, e às vezes ele se parece com os olhos da sua mãe.
- Eu não sei qual é a cor dos olhos da minha mãe.
- Mas você sabe quando eles estão olhando para você, não sabe? Melhor dizendo: ele, o céu, é azul. Ele brilha e reflete a vida.
- Obrigado senhor. Eu o estou vendo agora.



## **O que me diz o coração**

O que me diz o coração.

Que me pede para amar?

Seria inocência.

Excesso, abstinência?

Falta de calor, carência?

Ou ausência de lugar?

Será mesmo que desejo?

Ou será excesso de sonho?

Afinal o que quero?

Um anjo, uma mulher, uma serpente bem me quer, uma flor de primavera, uma deusa ou uma santa de aluvião?

Afinal, o que deseja minha alma?

Morrer de fome ou manter a calma?

Boa noite.

Delirante.



## 15 Marretadas

Numa manhã de sol intenso que fazia as folhas brilhar azul esverdeada. Estava no matadouro do Quica e hoje não consigo lembrar o que me colocou naquele cenário.

Amarrado num esteio estava um novilho Nelore lindo. Branco, mocho e de cupim de bom tamanho, deveria pesar umas dezoito arrobas.

Ao invés de usar a faca e perfurar o coração, o açougueiro preferiu usar a marreta. Ficou frente a frente ao animal e desferiu-lhe uma marretada na testa. Pude ouvir os ossos se quebrarem, mas o novilho permaneceu de pé.

O açougueiro continuou desferindo marretadas e com cada vez mais força, usando toda a tração de seus músculos e o animal se mantinha de pé sem fraquejar, firme sobre as patas.

A cada marretada os ossos da face eram estilhaçados, mesmo assim o novilho resistia.

O homem deu dois passos para trás, descansou e subiu no *Bret*. Prostrado como se fosse montar no animal, ele ergueu a marreta

até quase se encostar às telhas e usou sua força para descê-la na testa do animal.

Como se tivesse perdido as pernas o animal caiu violenta e rapidamente no chão, fulminado pelo golpe.

Rapidamente, sangraram-no, tiraram-lhe o couro e as vísceras. Após a cabeça extirpada, o penduraram pela talha.

Ainda ouço, na memória, o barulho das correntes erguendo o animal.

## Raio de Luz

É muito triste ver alguém que amamos ir embora.

Pior ainda é a presença.

A certeza do que vemos e não pode ser tocado.

Ontem chorei.

Vi um castelo de cartas virarem estilhaço.

A horta que cuidava com tanto carinho.

As flores que reguei com tanto amor,

Foram podadas.

Alguém antes de mim, mais rápido do que eu as levou.

Não sei o que fará delas.

É inútil sofrer, imaginar.

Estou só.

Terei de preparar a terra e semear novamente.

Enquanto preparo o solo ignoro pensamentos inúteis e consigo apreciar a vida.

A única certeza é que amo,  
Inevitavelmente.

Estou diante do sagrado.  
Minha sombra é projetada no infinito  
e a luz me banha com seu poder.

Poderia gritar se quisesse.  
Mas na presença do vento,  
Qualquer ruído é desnecessário.



## **A Carreta de Plástico**

Talvez fosse sábado. Ninguém se lembra. Mas, o fato é que naquela tarde ou em outra – não vem ao caso – o menino foi passear, na cidade, com os pais.

Na volta para casa, o pai do menino passou na venda da Dona Biba. O menino desceu de uma Brasília azul, subiu três degraus de cimento e tijolo e pôs os pés no assoalho de madeira. Encantou-se ao ver vários brinquedos pendurados no forro com barbantes e embrulhados com sacos típicos de carregar batata ou cebola. O pai permitiu que escolhesse um brinquedo. O menino pediu o maior dos brinquedos ali expostos: uma carreta de transportar combustíveis. Como não tinha dinheiro suficiente o pai deu ao menino um caminhãozinho, uma caçambinha de cor azul. O menino esperneou, mas não foi atendido. Em casa, chateado, o menino sentou-se no chão encerado do seu quarto e destruiu o carrinho. A mãe estava na sala, provavelmente passando roupa sobre a mesa. Não havia portas nos quartos. E ela ouviu, pacientemente, o menino resmungar, quebrar o brinquedo e dizer que aquele não era o brinquedo que queria.



## **Basta**

Basta. Não quero mais.

Estou cansado de ver meus ossos virarem fumaça.

Não acredito em vida após a morte e nem em sucesso depois da mordança.

Não insistam nessa conversa fiada de herança cultural. Os meus olhos estão cansados de ver todo o sofrimento virar cálculo superfaturado.

Cansa-me esse discurso empolado de sofrimento problematizado, enquadrado e estudado. Teorizado com frieza e contemplação.

Entregarei agora meu halo sem brilho. E antes que eu morra, eu quero ao menos: plantar uma árvore ou ter um filho.

É desnecessário sofrer sem ser ouvido, consumir todas as energias sem ser atendido.

Morrer então!

Qual a razão de tudo isso?

Podarei minhas asas. Tudo o que quero é caminhar.

Sentir a terra fresca, o pôr do sol, e quem sabe, amar.

Admito, sou um fraco, feio e sem graça, porém, corajoso, capaz de enxergar com lucidez toda a desgraça. Contar os cadáveres e as almas que vagam desavisadas. Desalmadas.

Guardar todas as lágrimas até que o leito seco chore a carcaça.

Assim eu sou: anjo sem fé.

Que morre todas as noites.

Que sonha, sonha e sonha.

Ansioso, angustiado e confuso.

Por um galho seco sem arbusto.

Temeroso e rancoroso, e que imagina um final feliz.

Ladrão e egoísta todas as noites.

Pensa que é artista.

## Duas Palavras

Duas palavras.

Sem graça.

O horror e o retrato.

Sobre uma vela.

A chama vermelha acesa.

Com sorte.

Lágrimas escorrem.

Elas se escondem.

No profundo próximo.

Reflexo iluminado.

Incendiado, apaixonado.

Que escorre nas veias.

São noites escuras.

De um bêbado sonâmbulo.

Sonhador autônomo.

Cambaleante.  
Escondido na fria transparente.  
Fonte.  
Ele sonha.  
Retorna e avança.  
Seu passo compasso passado.  
Não cansa.  
Descansa.  
Na sombra iluminada do meu olho.  
Azul, negro e caolho.  
Pedra, sonora aurora.  
Brilhante.  
Ri, canta, chora.  
Sua temperatura dilata o nervo.  
Aceso e sangue.  
Sombra silhueta.  
Cinza e violeta, bege.  
Nasce renascida.

Fogo na escada.  
Taças quebradas no escuro.  
Barulho.  
Som forte e maduro eco.  
Líquido derramado.  
Primavera violada.  
Tudo, tudo.  
Encontra seu eixo.  
Seu ritmo intermitente.  
Aceso e frouxo.  
Até o sempre.  
Derramado. Derramado.  
Lacrado.  
Feliz e com medo.  
È.  
Tem de ser.  
Vazado no meio.





## **Teatro em Arena: A Dança da Morte**

Porteiras fechadas, as feras se encontram. Circulam pelo mangueirão mantendo distância “segura” – suficiente para se estudarem.

Os olhares se cruzam. Os passos com precisão e cautela. Os movimentos e os menores gestos pensados. Cada qual tentando encontrar o momento certo, o momento exato – para atacar ou defender.

Como os pistoleiros do velho oeste que se encontravam frente a frente para o acerto de contas; ou como o jogador de futebol avançando e movendo as pernas com “pedaladas”, tentando “pegar” o marcador no “contrapé” para superá-lo. E o marcador que do mesmo modo, estudando os movimentos do atacante tentando dar o “bote”. Na arena, o touro e o homem medem forças. Eles se estudam.

A arena constitui mundo à parte, local do julgamento cotidiano. Não é necessário que haja vencedor ou condenado. O objetivo é que ambas as partes se conheçam. Que elas sejam “apresentadas”, podendo conviver senão pacificamente, ao menos em relativa harmonia.

A encenação que pode, eventualmente, causar a morte de um dos participantes, e não que isto seja a regra, porém, é o que se dá no “enquadramento” da arena ou mangueirão. É neste pequeno mundo que homem e animal se encontram e “contracenam”, a batalha da vida diária.

## **Um Crime Perfeito**

Lençóis amassados.

Rosas e flores.

Uma noite de amor e carinho.

Choro.

Lágrimas de desejo.

Por um beijo roubado.

Um crime perfeito.

Reto, ereto.

Feito, aberto.

Com tesão e agonia.

Uma intensa ternura.

Um feixe de loucura.

Uma batalha desfraldada.

Sob o campo aberto.

Vazada pelo meio.

Pelo cruzamento suado das pernas.

Pelas mãos que avançam sem censura e tocam,

Mergulham descem e aquecem.

Fazendo o medo expirar.

Eriçando os pelos intocados.

Tremendo a carne fresca.

Açoitada, atacada, violada pelo,

Estrangeiro.

Lábios, dentes em posição de combate.

Unhas afiadas, amoladas, taradas.

Bocas e gargantas a deriva.

Suspirando ao vento.

Olhando o infinito.

Gemendo por dentro.

Pupilas dilatadas sem enxergar.

Agarrados cruzados na sala de jantar.

Caminhantes sem caminho.

Em direção à terra santa.

Sem espinhos.

Mergulhados no pão e no vinho.  
Estirados, emaranhados, molhados.  
Banhados pelo néctar.  
Salivados, chorados, gozados.  
Mortos ressurretos, felizes.  
Despedaçados.

Agonizantes.  
Feito água na fonte.  
Descansando na sombra,  
A espera da criação.  
Pétalas caídas.  
Perfuradas, semeadas.  
Cheias de vida.

## **A Festa das Flores**

Na vila próxima a montanha havia um garoto que vivia só. Saía pelos montes e vales com a intenção de colher uma flor que desse sentido à vida.

O terreno rude, pedregoso e truculento dificultava a floração. As flores eram tão raras que se mostravam ao menor sinal de amadurecimento, havendo sempre quem as colhesse, disputando-as.

Os dias se passavam para o menino. E o estudo, a procura da rosa, possibilitou também, conhecer outro ambiente.

Neste novo local, em novo ambiente, o menino foi surpreendido pela quantidade e beleza das rosas. Eram tão belas, cheirosas e vibrantes que às vezes ele desconfiava do que enxergava.

E hoje, enquanto eu passo os dias no jardim, vou acariciando as flores, embebido no néctar e aspirando ao pólen. Sigo eu, tocando as pétalas, os espinhos, lembrando o exemplo do menino. Vou tentando distinguir entre as várias flores, do jardim, aquela que sempre está aberta para mim.





## **Por que me olham?**

Por que me olham assim com tanta lascívia e não me atacam?

Estou à espera. Venham!

Que faço eu de errado?

Sou livre, (des)compromissado.

Qual será o objeto que permeia nossa existência e nos separa?

Qual o segredo atrás da montanha de vidro transparente, invisível?

Por que não mergulham nos meus olhos?

Estamos com sede e muita fome.

Admitamos.

Que é essa tal coragem?

Confesso, ela não me falta.

O que nos prende e nos distancia são outras as coisas.

Que permanecem ocultas.

Num silêncio de morte.

Olhando, jogando com a sorte.

Mergulhem, mergulhem.

Ataquem-me.

Estou aberto.

A espera.

Não tenho medo.

Nossa carne é a mesma.

A fome é o que nos une.

## As Máscaras

Eram cinco horas da tarde quando terminou a aula e fui para a lanchonete da Universidade tomar café. Estava só. Alimentava-me e refletia sobre os assuntos discutidos na sala de aula. Alguns colegas chegaram, ocupando as cadeiras a minha volta. Estavam se ajeitando nas cadeiras e sem prestar tempo para cumprimentos, um dos colegas me interrogou agressivamente:

- Qual é a tua, cara?! Tu escreves músicas para cantores de segunda linha, poemas de amor. Noutra hora falas de guerra, pintas paisagens apaixonadas e desenhavas a morte. O que queres tu afinal?
- Eu falo, escrevo e pinto o que sinto. Pois saiba você, sentir é um saber. Para isso uso os meios que considero mais adequados para representar meus sentimentos. O resto é consequência! – ele, o rapaz, aparentava estar tenso, e agora se sentia desafiado.
- Não. Qual é a tua, cara?! Tu frequentas vários ambientes sem se identificar com nenhum. Tu manténs contato com pessoas de diversas áreas do pensamento só para se manter informado. A quem tu queres enganar?
- Procuro conhecer ambientes diferentes para entender como são as pessoas. O que elas pensam e como agem. Eu não falto com respeito, nem mesmo sou leviano. Apenas quero

conhecer e penso que para isso não é preciso me entregar a qualquer fé ou filosofia de grupo.

- O que tu achas da grana que estas ganhando?
- É consequência do trabalho. O importante é a mensagem que estou passando. Creio que esta é minha contribuição para o mundo.
- Tu estás sempre em contradição. Por que usas tantas máscaras?! Quem tu és afinal?
- Uso muitas máscaras e usaria quantas fossem necessárias. Para mim, a máscara não é um disfarce é um veículo que supera o medo e a insegurança. Se tivesse prestado atenção nos meus atos neste período que estudamos, você perceberia que atrás da máscara há sempre uma pessoa disposta a dizer tudo o que sente. Que revela todos os segredos. E como um livro aberto, deixa que o vento sopre todas as páginas. Se tivesse prestado atenção você perceberia que sou o homem atrás da máscara.

## O Baile da Rosa

O vento sopra teimoso, agressivo.

A rosa balança exalando seu cheiro, imaculado. As pétalas refletem o frescor e a suavidade. Cores brilhantes, cheias de vida, espinhos de planta.

Brinca feliz a rosa, presa a terra, insinuante ela provoca, sem perder a inocência.

O beija-flor feliz coloca o bico na rósea rosa, sugando o néctar. Carregado de vida segue o beija-flor, semeando os frutos da partida.

A rosa relva espinho de Eva. Baila provocante, atraindo para si o mais digno e fiel dos amantes.

O beija-flor de coração acelerado, ofegante e descompassado, cai de peito aberto sobre o néctar vibrante.

O vento, a dança e o desejo ditam o ritmo do contato, do ato concreto e exato.

Sem vergonha e com medo, a rosa perde as pétalas.

Umedecidas pelo vapor calor.

Pelo atrito contato.

Pelo com pelo.

Até o fundo extremo da alma.

A rosa descansa enrolada em lençóis.

De sombra e mais nada.

O beija-flor parte feliz.

Tendo cumprido a missão sem asas arranhadas.

A rosa perde a inocência.

Agora é flor experimentada.

Que deseja ardentemente ser mulher.

E mais nada.

## A luz da Guerra

Uma flor nasceu no deserto.

Ontem choveu no inferno.

O fogo se apagou.

Só restou cinza, lodo e o nojo.

A flor virou planta, árvore e deu fruto.

Para o inferno *Prometeu*, semideus grego, trouxe o fogo; A luz da guerra.

Ao deserto enviaram os mísseis, a morte.

A Democracia.

No inferno, a lei foi estabelecida.

Viva! Há luz na treva!

No deserto temos a guerra, o horror e o sangue.

E a noite como consolo.





## **Em amor nosso amor em todas as cores se transformou.**

Saudade eu tenho da tua alma em flor e do teu cheiro de mulher madura. Após exalar ao mundo, que semeia, também colhe belos frutos. E renasce livre a tua alma para despertar o amor deste poeta. Deste poeta que a esmo trilhava um caminho de sombras, na noite vazia e branca, eterna e opaca. Poeta que tropeçava em dúvida e insegurança. Mas, que em teu colo amigo, na tua alma, sopro de vida, mergulhou e...

Renascido e reencarnado, das cinzas em nova energia. A chama do amor de quem se ama. Noite adentro. Sonho. Gozo. Nosso ninho de prazer, eterno.

Por você. Ainda que não saibas, que duvides ou não queiras. Ainda que temas ou que lutes. Por você! Eu venço as barreiras; eu enfrento as batalhas. Por você eu venço as guerras. E na alma que experimenta o fogo, por você, eu renasço. Renasço em ti, em teu coração.

É justo que duvidemos? É justa a incredibilidade? O que somos e do que emanamos? Almas renascidas, frutos do amor e das feridas que agora cicatrizadas? Almas emanadas, filhas do amor, das noites enluaradas.

Amantes de locais distantes, nós cruzamos o mesmo sonho. Almas emanadas que um dia atravessaram a mesma estrada. Nada poderia ter acontecido. Nada antecipado ou planejado. Mas naquele dia, tudo conspirou. E nós nos encontramos.

Foi belo saber. Ao primeiro olhar nós dois nos amamos. Foi inspirador. Vê-la se acomodando na poltrona. Falando grave ao telefone. Ah! O teu sorriso-abrigo, comigo, já viajava. Antes mesmo da primeira palavra.

Éramos a luz dos girassóis. O amor do amante. A cor do apaixonado. O amor dilacerado. Algo jamais compartilhado; jamais compreendido.

E o amante da cor se mostrou com o brilho e vibração apaixonada. O poço profundo da alma enxergou o amante da cor, em uma curva na estrada.

O amante da cor nos ensinou. Que o amor é semente que nasce no coração de quem ama.

Amor meu amor. Amor nosso amor. Amor nossa cor. Amor cheiro e sabor. Amor nossos corpos inflamados. Amor em chamas.

Girassóis. Bolsa sobre a poltrona. Mão esquerda e bolsa no colo. Telefone, sussurros, movimentos e palavras...

Quando ela perguntou meu nome à letra que me nomeia, disse a ela que minha letra era a cor que a completava. Nesse instante, o assobio violeta tocou a febre em minha gaveta. O sorriso do laranja e do amarelo-ouro apontou o infinito das estrelas e os cometas, mostrando um céu que guardávamos.

O vermelho-ferro, vermelho-fogo e vermelho-sangue irrigou nossas veias. Aranhas numa teia, emaranhados, no verde-escarlata, verde vivo e brilhante, verde intenso e eterno que nos envolveu, desde o primeiro olhar.

Sem ao menos nos tocarmos, o amor que antes deixado de lado, renegado e recusado, este amor nos acendeu e nos uniu.

Transformamo-nos em estrelas num imenso azul sem fim.

Mergulhamos no âmago do ser. Fecundamos o mais belo fruto que um ser humano é capaz de produzir.

O amor nasceu em nossas veias. Azuis, violáceos e alaranjados. Tons amarelos e púrpuros. Florais e cores transitórias. Transformamo-nos em cor. A cor entoada na alma. Composição e pigmentação profusa, inexplicável. Eterna e cintilante. Sentia o compasso, compassado e ritmado coração. Um mergulho no oceano do prazer alucinante. Amor eterno.

O amante da cor.

O casamento da pomba com o elefante foi reinventado. Com novas cores, novos sabores, novos cheiros. A pomba se transformou em concha, e o elefante em paixão galopante.

Nosso amor. Amor sem cor. Visível aos amantes de almas brilhantes nos transformou em maçãs do paraíso prontas ao prazer e ao delírio.

Nós nos transformamos na cor que o pecado um dia condenou. Em cor, em cor.

Em amor nosso amor, em todas as cores se transformou.

## **Desejo**

Carrego comigo vontades impronunciáveis.

Absurdas fábulas ciganas.

Tenho as mãos atadas.

Um coração apertado, pés descalços e muitos sonhos que andam na calçada.

Tenho sensações que não consigo decifrar.

São ativadas por um olhar ou um sorriso de mulheres que nem sei se existem.

São seres das mais variadas formas.

Passam por mim, cruzam a minha frente, não as conheço, no entanto as amo.

Na vã busca por um toque, um carinho, dou asas a meus sentidos.

E instituo a posse, nem que seja efêmera e fugaz.



## De Quando se Ama sem Falar

Perguntei ao coração,  
Se ele sabe o que é amar.  
Ele disse que não,  
Há alguém para contar?

Um coração,  
Não vive sem amar.  
Sabe quando ama,  
Ele ama sem falar.

Se aqui você estivesse,  
Logo *Ele* iria me contar.  
As doçuras de um beijo,  
Que só quem ama sabe dar.  
As doçuras de um beijo,  
Que só quem ama sabe dar.

Feliz o coração diria:  
Quem ama sabe amar.  
Quem ama não esquece.  
Quando se ama sem falar.

O coração que chora,  
Não sabe o que é amar.  
Um coração que chora,  
Tem medo de falar.



Um coração que vive,  
Na sombra da mangueira,  
Não sabe o que é flor.  
Não provou a fruta inteira.

Um coração perdido,  
Não sabe onde encontrar.  
A fruta cheirosa,  
Que perfuma o luar.

Um coração perdido,  
Não sabe que a flor,  
É feita para cheirar.  
Que a rosa cor e luz,  
É feita para amar.



## É Noite

Morre na sombra a folha maldita que fertiliza minha esperança.

Dorme sem graça.

Gemendo, chorando, só, solitária.

Filha única.

Alma difusa.

Perpétuo caminho sem fim.

Ida e volta até o sempre.

Maldita sejas tu infeliz.

Noite sem estrelas no em cima.

Dor aqui em baixo.

Pedras, água na sombra.

Espumas nos ouvidos.

Lateja o membro.

Lágrimas corroídas com raiva.

Exalam pétalas caídas.

Flor de inverno florida.

Tarde demais.

Balança sem querer.

Para todos os lados.

Morte certa.

No campo, na floresta.

O cavalo sem asa relincha no campo.

A alma flutua.

É noite.

## **Nas Areias do Tempo**

Nas areias do tempo,  
O vento se faz alimento:  
Calor e sedimento.

Nas areias do tempo,  
O vento é movimento.  
É amor, cor...  
O corpo quente da amada,  
Que aguarda dengosa, apaixonada,  
Sob as finas tramas de fogo e desejo.

Nas areias do tempo,  
O vento é areia que sopra o amor.  
E que pulsa nas veias.



## **Acabou**

A torre caiu.

O soldado da paz morreu.

De repente... Acabou.

Aconteceu na minha rua.

O muro caiu.

Constantinopla foi tomada.

A maçã caiu.

Joana morreu na fogueira.

Madalena foi apedrejada.

A morte morreu.

Tomaram a Bastilha.

Inventaram a máquina a vapor.

Da Vinci pintou a Mona Lisa.

Papai morreu.

A fonte secou.

O herói morreu.

A água acabou.

O petróleo acabou.

A bomba explodiu.

Os tigres morreram.

O império caiu.

Rasgaram a bandeira da paz.

A empresa faliu.

Queimaram o índio Galdino.

Assassinaram a irmã Dorothy.

O atleta morreu.

As geleiras derreteram

O indivíduo desapareceu.

O rei foi guilhotinado.

O espaço se expandiu.

A velocidade aumentou.

O papa da paz morreu.

Quebraram a janela.



O espelho se partiu.  
O planeta aqueceu.  
Mataram a alma.  
Estrangularam a esperança.  
O interesse prevaleceu.  
A bolsa quebrou.  
As ditaduras ressurgiram.  
Criaram a teoria das espécies.

Perdemos a fé.  
Vivemos numa terra sem lei.  
A vida perdeu importância.  
Arafat morreu.  
Saddam foi enforcado.  
Os anjos caíram.  
O agricultor morreu de fome.  
As favelas aumentaram.  
A vida entrou em declínio.

Ícaro caiu.

As grandes corporações surgiram.

Os estados nacionais caíram.

A identidade entrou em crise.

A vida prática declinou.

As máquinas nos mutilaram.

O homem voou.

O mar secou.

O soldado morreu na trincheira.

Inventaram a TV, o automóvel, o cinema e o computador.

O homem fundiu-se a máquina.

Os filhos da pátria morreram na guerra.

Assassinaram o guerrilheiro argentino.

O céu e o inferno caíram na terra.

As ideologias feneceram.

O comunismo acabou.

Sindicalismo virou farsa.

O feminismo conquistou seus objetivos.

'Paz e Amor' foi um sonho.

A contracultura foi instituída.  
O rock não revoluciona mais.  
Matei a vontade de matar.  
As revoluções acabaram.  
O ouro negro perdeu o brilho.  
Novas religiões surgiram.  
Os shows da fé aliciaram.  
Os espíritos desapareceram.  
Chegamos à idade do olho.  
A crise do eu.  
O homem chegou à lua.  
Assassinaram os Kennedy.  
Invadiram o Iraque.  
Os conflitos continuam.  
As epidemias persistem.  
O terrorismo ressurgiu.  
Jesus sobreviveu.

Caímos no abismo.  
Protestaram na praça.  
Pararam os tanques.  
As lágrimas se multiplicaram.  
A transgressão virou moda.  
Os ídolos caíram.  
A destruição destruiu o destruidor.  
A lei Rouanet foi aprovada.  
Morri ontem.  
Tim Lopes foi assassinado.  
Os anos de tropicália se foram.  
O projeto nacional falhou.  
As fronteiras caíram.  
Patentaram o direito a vida.  
O pássaro bateu no vidro.  
Roubaram a carta.  
O rei está nu.  
Os jogadores trapacearam.  
Um século se passou.  
Saudações revolucionárias.

## ÍNDICE

Sem Título.....	15
O Poeta Analfabeto.....	17
Declaração Indigesta.....	19
Sol do Leste.....	21
Descrição.....	23
O Contador de Histórias.....	25
O que me diz o coração.....	27
15 Marretadas.....	29
Raio de Luz. ....	31
A Carreta de Plástico.....	33
Basta.....	35
Duas Palavras.....	37
Teatro em Arena: A Dança da Morte.....	41
Um Crime Perfeito.....	43
A Festa das Flores.....	47
Por que me olham?.....	49
As Máscaras.....	51
O Baile da Rosa.....	53
A Luz da Guerra.....	55
Em amor nosso amor em todas as cores se transformou.....	57
Desejo.....	61
De Quando se Ama sem Falar.....	63
É Noite.....	67
Nas Areias do Tempo.....	69
Acabou.....	71

